



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 39-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tathaba — Lisboa • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A greve gráfica

A greve das classes gráficas das casas de obras tem sido um dos movimentos operários que com mais tenacidade e ardor se tem sustentado. Para quem não esteja a par das mil e uma circunstâncias, que escapam aos olhos dos profanos e contribuem para o triunfo ou derrota duma classe, a notícia de que os grevistas das casas de obras vão regressar ao trabalho deixará a impressão de que os tipógrafos, exaustos, ao fim de noventa e tantos dias de luta se entregaram desalentadamente nas mãos dos patrões. Estamos convencidos, porém, de que outro tanto não dirão os industriais. Devem alguns deles, a esta hora, estar amaldiçoando a Confederação Patronal e agorardando mal esta retomada súbita do trabalho. Eles sabem muito bem que os tipógrafos das casas de obras não terminaram definitivamente a greve, não foram forçados a voltar ao trabalho, mas simplesmente, por conveniência, para melhor garantir o êxito das suas reivindicações se apresentavam temporariamente.

Não se compreende que, sendo a classe tipográfica uma só, parte dela, a que trabalha nos jornais, esteja auferindo um salário e outra parte fique em condição de inferioridade. Tal facto não se pode dar, porque vai contra toda a lógica, toda a razão. Nem mesmo a organização gráfica o permitiria. Isto sabem os operários: que regressaram ao trabalho. E por o saberem mesmo é que voltam a trabalhar. E, se os gráficos conhecem admiravelmente este ponto da questão, os patrões não o ignoram também. É o reverso da medalha que a muitos está assustando agora, sabedores de que não perdem com a demora...

Observando esta greve desde o seu início conclui-se que os industriais manifestaram sempre fraqueza, muita fraqueza que, francamente, os operários não souberam aproveitar.

Por conveniência, a greve declarou-se parcial sem ter sido a obra ou parcial sem ter sido a obra. A intervenção da Confederação Patronal não serviu se não para vir pôr mais em foco a manifestação das indústrias. Orgulhosamente, a Patronal, julgando que aniquilaria de começo o movimento dos gráficos, declarou o lock-out geral — que nunca foi geral — e o lock-out foi traído pelos patrões, que mostraram assim os seus pontos fracos: falta de coesão, impossibilidade de manter as suas casas paralisadas. Faldo o lock-out, a greve paralisou-se, prejudicando as casas atingidas mais do que se uma

DE BOM HUMOR

Tenho notado e facilmente se nota que as senhoras do chic, ao contrário do que faziam *in illo tempore* as senhoras suas mães e avós, já não se beijam quando se encontram e despedem, pelo menos na rua.

O facto explica-se. Como precisam de pintar-se resolvem não borrar a pintura umas às outras, como sucederia beijando-se mutuamente.

Higiênico e até mesmo lucrativo sob o ponto de vista moral, ainda com a apreciável vantagem de não causarem inveja aos *mirões* despertando-lhes o natural desejo de aplicar o seu *chocho* nos palminhos de calça provocantes das damas auto-pintoras.

Salva-se a moral e muita obra de arte, não se propagando aquelas moléstias contagiosas de que o beijo é veículo, na opinião autorizada dos sábios bacteriologistas que são capazes de enxergar micróbios à vista desarmada e a três léguas de distância no badalo do sino grande de Mafra.

Poupa-se também muito baba que faz falta à digestão das comidas e evitam-se bastantes lesões cardíacas e outras enfermidades resultantes do cio insatisfeito a que a beijoça serve de apetitivo.

Sob o ponto de vista económico não é menos apreciável a vantagem da falta de permuta do beijo entre senhoras, deixando de beijar-se, pouparam bastante em pó de arroz e pomadas ou cremes que estão pôs olhos da cara, levando coiro e cabelo — salvo seja — a quem compra estes artigos ou, melhor dizendo, a quem paga as reparações da violão e das moléstias cutâneas na fachada do belo sexo.

Outras damas, então, menos pelos receios das moléstias contagiosas do que pela repugnância do cheiro do tabaco queimado não apertam a mão dos cavalheiros das suas relações ou do seu conhecimento e, assim, matam três coelhos duma boudoir: — livram-se do cheiro duma cousa que lhes desagrada e dá indício de contacto com o macho, pouparam a benzina na lavagem das luvas e a tinta das mãos se as trazem a descoberto para mostrar as unhas polidas, mas como não há bala sem senão muitas das senhoras que assim procedem fumam cigarrilhas em família.

Vai assim, por enquanto, mas como o costume faz lei e as exigências da moda, entre senhoras, vão subindo com a ourela das saias e a manga dos vestidos, cujos decotes descem na mesma proporção, é de supor que, dentro em pouco, as damas janotas usem as saias muito acima dos joelhos, as mangas pelos socavos e o decote pela altura do umbigo, passando, ao mesmo tempo, a apresentar-se em público e fazer de cachimbo à amurada como qualquer marujo, que é assim como quem diz vestidas à moda parisiense da mãe Eva e de cá, chumbo ao canto da boca, sem receio de entorpecer.

Um falecido escritor e tribuno, quando exaltava as virtudes do bacalhau a pataco, no tempo das cominosa, disse uma vez, num comício, que o progresso se fizera quebrando os ídolos.

Hoje, ácida de modas e entre senhoras, ai tempos o progresso bem a vista. D'antes usavam elas a saia comprida e arrastada e a gola dos vestidos no seu lugar.

A mulher deixou de ser o ídolo recatado que era e se quebrou na mão caprichosa dos *tailleurs* e das modistas e converteu-se, por via de regra, numa verdadeira *dame de chez-Maxime*, aquela celebre «Lagaritax» que bastante se evidenciou no antigo «D. Amelia», por obra e graça da sr.ª D. Angela Pinho.

Exceptuam-se, é lógico e claro, as excepções raríssimas.

Cá por mim, puff!

Deixa andar, corra o marfim.

Podem as senhoras mostrar-me tudo quanto quiserem e faz parte integrante do seu corpo, que eu não me zango por isso, antes pelo contrário.

O que é bom é para se ver. O que não presta tolera-se. E ninguém mais tolerante do que eu, inclusivamente com os tolerados da política de meia porta.

Quando as senhoras que embirram com o cheiro do tabaco, quando me viem passarem de largo porque eu fumo como um danado, e gosto tanto de fumar, que sou capaz de o fazer na cabeça de um tinheiro, mesmo porque um homem defeituoso como eu sou precisa tanto dum vício qualquer para encobrir os seus defeitos como as senhoras precisam de pintar-se para ocultar ou amortecer os seus.

J. B.

No Extremo-Oriente

O movimento insurreccional contra Merkuloze

RIGA, 26. — Dizem de Vladivostok que os insurrectos organizaram um exército numeroso, e o uparam a cidade de Nikolsk. Os japoneses recusam-se a auxiliar Merkuloze. Os consules estrangeiros responderam-lhe que não se querem misturar às questões internas da Rússia. Os bancos estrangeiros informados sobre os acontecimentos, recusam-se a auxiliar Me kulove. Muitos soldados recusam continuar a tomar parte na guerra civil, e passam para o lado dos insurrectos. O jornal japonês «Vladivostok-Nippo» convida Merkuloze a abandonar o poder, porque ele não tem o apoio de ninguém. — (Rosta).

NOVELA VERMELHA

Impossível redenção

por Augusto Machado

A questão da falta de água

O Conselho de Delegados ocupa-se de novo do grave assunto

O Conselho de Delegados da U. S. O., antontem reunido, voltou a occupar-se da momentosa questão da falta de água, que constitua a ordem dos trabalhos.

Depois de novamente lido o relatório elaborado sobre o assunto, por alguns dos delegados não terem assistido à sessão transacta, Eduardo Jorge diz que se o operariado se não movimentar a Companhia das Águas fará aprovar o relatório que tem pendente do parlamento.

Referente ao facto significativo de parte da imprensa não se ter referido a este assunto. Frisa o caso do actual ministro do comércio ter dito que o contrato é uma *belesa*. Analisando o relatório diz que a companhia é a única culpada da falta de água, competindo ao operariado não consentir que passe o novo contrato. O relatório elaborado pela U. S. O. é verdadeiro em todos os seus pontos.

Faz voto: porque o conselho trate o assunto como lhe merece a fim de se chegar a um fim pratico.

Alfredo Pinto diz que a acção exercida pela companhia constitui uma verdadeira infâmia. As conferências do sr. Carlos Pereira e Alberto Tota foram apenas um *combate de grilos*. O operariado tem de manifestar-se devendo-se realizar um grande comício num dia de semana e em que se afirme duma maneira categorica o caminho a seguir. Ponde de parte os platonicismos, devemos também pôr de parte a imprensa burguesa. Apresenta a ideia do comício como alvitre a ponderar.

Alexandre Assis discorda do comício, optando por comícios por bairros, no mesmo dia.

Raul Baptista lamenta que alguns sindicatos e o publico não se interessem por esta questão. Analisando o relatório diz que a companhia pode até matar a população à sede, ficando apertado ao abrigo da lei. As conferências tiveram por fim preparar um aumento de preço na água, o que não se deve permitir. O sr. Alberto Tota disse que o preço da água tem que ser aumentado para 13500, ao passo que Sousa Neves diz que, fazendo-se as obras rectas, ela pode-se vender a 7500, mas nós é que não queremos nada disso: queremos água com fartura e sem aumento de preço. Apreciando os ordenados do sr. Carlos Pereira, frisa que nenhum trabalhador viu o seu salário aumentado na mesma proporção. Analisa depois os actuals preços cobrados pela companhia pelos diversos serviços que antigamente eram gratos, por estes se verificando o «grande amor» que Carlos Pereira diz nutrir pelo operariado.

Este assunto presta-se para fazer boa propaganda sindicalista revolucionária e humanitária, confiado o orador em que a comissão encarregada de dar execução dos trabalhos sobre esta grave questão não a descuidará e crendo que o operariado se interessará por ela. Se tal não visse ficaria profundamente magoado. Novamente diz que se deve reagir em toda a parte a falsa afirmação de Carlos Pereira de que é *amigo* do operariado.

O sr. J. J. geral esclarece ter o sr. Alberto Tota afirmado que, se o contrato passar no parlamento, o preço da água será de 1.300.

Alvaro Monteiro entende que, estando demonstrado haver fartura de água para se aproveitar, o operariado deve impedir que se aumente o seu preço e impor à Câmara que explore os poços e nascentes que existem em Lisboa, fazendo também uma forte pressão sobre as autoridades para se conseguir isto fim. Termina apresentando uma moção que é admitida.

Jerónimo de Sousa não concorda com a moção entre outros motivos porque ela diz que o Alviela não tem água suficiente o que não é verdade, porquanto nas investigações a que procedem a comissão verificou-se que a água do Alviela é suficiente para o consumo da cidade. Apresenta a seguinte moção:

Considerando que das investigações feitas pelo Conselho Administrativo e que constam do seu relatório se chega ás seguintes conclusões:

1.ª Que a companhia, para abastecer de água a cidade, não precisa de recorrer a novas nascentes, pois que a nascente do Alviela tem água em abundância, sendo só necessário aproveitá-la; que a companhia não faz o seu aproveitamento mas ainda a desperdiça, para justificar a falta de água e assim justificar também o novo contrato que, a ser aprovado, permitiria à companhia o aumento do preço da água ao consumidor; que as razões apontadas pela companhia da falta de verba para as reparações a fazer no seu material se não justificam, porquanto no seu relatório de 1920 apresenta um saldo de 367.537.839; que depois de feitas essas reparações a companhia pode fornecer maior quantidade de água e por consequência os seus lucros aumentariam.

2.ª Considerando que a ser aprovado o novo contrato, a companhia fica autorizada a aumentar o preço da água e a conformar-lhe o apêndice; O Conselho de Delegados, reunido para apreciar tal importante assunto, resolve:

1.ª Denunciar ao país as falcatruas praticadas pela companhia, unica responsável pelas catástrofes sucedidas há alguns anos a esta parte, como o alagamento de epidemias, destruição pelas chamas de edifícios publicos, e ainda outras incalculáveis, que se não fosse a falta de água, ficariam reduzidas a propósitos insignificantes.

2.ª Realizar um comício publico onde toda a população de Lisboa afirme o seu protesto contra o procedimento da companhia e o voto contrario, que é atentatório da dignidade e da bôla do consumidor.

3.ª Manter uma agitação permanente até que a companhia seja obrigada a respeitar o anterior contrato.

4.ª Que para se conseguir este trabalho se dê praticabilidade a resolução tomada na reunião em que foi tratado o assunto.

(a) Jerónimo de Sousa, Alvaro de Oliveira.

Sobre a organização dos comícios entende que a comissão que se nomear é

C. G. T. A utopia do sr. Barros

Secção das Unões

Reúnia a Secção das Unões dos Sindicatos, occupando-se da momentosa questão do inquilinato. Pelo secretário geral é exposto ter o Conselho Confederal resolvido que, logo que fosse anunciado que a lei do inquilinato seria submetida à apreciação do Congresso da República para ser alterada, se promovesse uma campanha tendente a salvaguardar os interesses e realgalias do inquilinato, e como esse trabalho está cometido a esta Secção, entende o Comité Confederal convocá-la a reunir, a fim de estudar a forma como esse movimento deveria ser feito.

Faz entrega duns manifestos e folhetos respeitantes ao assunto e editados pela Fraternal dos Inquilinos do Porto, e ainda de outros elementos que muito poderão contribuir para o estudo da questão.

Todos os delegados da Secção concordaram em que, efectivamente, o que era necessário é realizar trabalhos e porque o Conselho Confederal já havia demarcado a orientação a seguir, a esta Secção cumpria executar, só devendo reunir o Conselho Confederal para tratar desta questão no caso de ela vir a tomar novo aspecto e que seja necessária a reunião conjunta das duas Secções Confederaes.

Tudo os delegados se espreiam em largos relatos de factos acontecidos entre senhorios e inquilinos, depois do que, entre outras deliberações respeitantes à campanha a fazer, ficou assente que pelo advogado do Conselho Jurídico, ou por outro na falta deste, fosse elaborado um parecer fundamentado nas leis, para servir de base jurídica ao movimento a levar à prática em todo o país com a brevidade imposta pelas circunstâncias.

Neste sentido esta Secção enviara uma circular especial a todas as Unões de Sindicatos do país na devida oportunidade.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

Porque caiu o governo

da sua presidência

Teve o sr. Barros Queirós a gentileza de enviar também a *A Batalha* uma cópia da carta que dirigiu ao presidente da República expondo as razões que levou o seu governo a pedir a demissão. Essa carta tem para nós um interesse especial. Ela confirma absolutamente o que antontem e ontem disseamos acerca da recente crise ministerial.

Assim, o sr. Barros Queirós declara que se criou um ambiente que o impossibilitou de eficaz e utilmente realizar as economias necessárias, ainda mesmo que o parlamento viesse a votar as medidas propostas, porque a resistência passiva duns, a resistência aberta doutros e o scepticismo do maior número, fariam com que os resultados praticos fossem insignificantes.

E o sr. Barros-Queirós continua:

Pretendo apenas ser útil ao meu País e sou forçado a reconhecer que nas circunstâncias actuaes o meu esforço é inútil. Há trinta e dois annos que luto pela causa republicana. Nunca me conduzi por modo que desprestigiasse o ideal que defendo. Julguei que o meu passado me dava direito ao respeito dos meus concidadãos. Não succedeu assim; enxovalhos, faltas de consideração, insultos, grosserias e calúnias castigaram a minha veledade de pretender prestar um serviço ao País. Já contava com a intriga, com as dificuldades de toda a ordem, mas, confesso a minha ingenuidade, contava também com um ambiente de respeito pela minha sinceridade. A maior parte da imprensa agride-me, alguma chega a fazer insinuações, senão accusações, á minha honestidade.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

A lucta a esta parte externa da vida ministerial havia, e há, certas dificuldades da vida interna. O governo resolveu certos assuntos, com a minha inteira solidariedade, república com ideias, discutindo os homens, para os demolir, como se desá demolição não adviesse para o regime e para o País um grande mal.

CONTRA A FOME

Os artistas fazem um apêlo a favor do povo russo

Uma catástrofe horrivel estalou na Rússia. Toda a colheita das regiões do Volga e Kama está aniquilada por uma seca sem precedentes. Há mais de vinte milhões de homens com fome. O cólera e o tifo destroem e abatem inúmeras vítimas. Depois duma guerra de sete annos, encontram-se, na Rússia, milhões de homens exaustos. Succumbem. Sem o nosso auxilio, perder-se-hão. E' nosso dever ir em socorro do povo russo tam tragicamente atingido. Ele tem necessidade da nossa ajuda immediata. Socorrel-o urgentemente é uma questão de humanidade.

Obrigados ás leis da humanidade, comovidos pela miséria imensa dos operários e camponeses famélicos, chocados pela força e intensidade desta catástrofe, unimos a nossa voz aos gritos de desespero que vem da Rússia e exclamamos ante todos os homens honestos: — Salvai o povo russo!

Formou-se em Moscovia um comité de socorro ás regiões famintas para ajudar o governo russo dos operários e camponeses na sua obra de assistência. Neste comité reuniram-se todos os partidos russos e os representantes da arte e das sciencias. Maximo Gorki dirigiu um tocante apêlo a Gierhart Hauptmann, que se ouviu no mundo inteiro. A Internacional Comunista faz um apêlo aos operários de todo o mundo para organizarem o combate solidario contra a fome e epidemias. Este apêlo fez com que em todos os países se formassem comités de assistência, que vão vencer a fome e as epidemias; eis o primeiro acto de solidariedade internacional depois da revolução de Outubro.

A Rússia dos Soviets sangra. Humãos, não poderíamos ficar de parte, mudos, nesta hora imperiosa. Mistura-

mos a nossa voz com a voz daqueles que querem ajudar a Rússia; nós, pregadores do amor, suplicamos aos nossos aderentes que mantenham energicamente, com todas as suas forças, os actos de socorro em todos os países.

Os corações e os cérebros dos homens são illuminados pelas estrelas da literatura universal que nasceram na santa paisagem russa. Que nós, reconhecidos, paguemos, portanto, a nossa dívida, dando pão, medicamentos e vestuário ás regiões russas da fome.

O auxilio é urgente. Quem der depressa, dá o dobro. (a) Alemanha: Prof. Einstein, Käthe Kowitz, Moissi, Alfons Paquet, Max Barthel, George Gross, Inglaterra: Bernard Shaw. America: Upton Sinclair, França: Henri Barbusse, Anatole France, Suíça: Prof. Forel, Otto Volkart. Países Baixos: Henriette Roland-Holst. Rússia: Maximo Gorki, Schalapin. Suécia: Ture Nerman. Dinamarca: Andersen Nexø. Noruega: Johan Falkberget.

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma trem

da indústria nacional e o lançamento de isenção de muitos milhares de produtores, bradamos contra tal iniquidade. São passados dois anos, e, quando julgávamos já banido esse perigo, eis que ressurge e revestido da mais insensata vontade de passar desta vez, em prejuízo não só da indústria nacional como do próprio sossego interno que tantos srs. patriotas dizem desejar. Começou por ser tornado público pela imprensa a concessão para importação de 500.000 toneladas de pinho para esteio de minas. A seguir, e pelo antecessor de V. Ex., é publicado o decreto n.º 7.650, autorizando, isenta das sobretaxas impostas pelo decreto n.º 7.500, a exportação de madeiras exóticas (7).

Chega também ao nosso conhecimento que carregamentos de madeiras estrangeiras, chegados ao Tejo, são recolhidos a pretexto da falta de colocação no nosso mercado, o que nos parece inverosímil, dada a avidez com que se procuravam. E perante tudo isto, Sr. ministro, que osamos perguntar: a que se pretende reduzir-nos?

Diz-se, há poucos dias, um diário na imprensa que «com a exportação de madeiras, milhares de contos entrarão». Perguntamos nós: — Mas, para quem? Para nós, os que vivemos da sua laboração? Afirmo o mesmo diário que é muito fácil a cultura do pinho. E, podemos nós, pode a indústria nacional deixar que lhe levem a matéria-prima existente, para satisfação de meia-dúzia de especuladores e aguardar que as madeiras agora plantadas se desenvolvam?

Apaz-nos porém registrar que ainda existem honestidades neste maldado país. Depara-se-nos a opinião insuspeita e autorizada do engenheiro sr. Pedro Roberto, que como director dos serviços florestais não quer ser cúmplice nesse atentado contra a integridade da indústria nacional. Diz s. ex. que é necessário arborizar as margens dos rios. Muito bem! Mas, não é tudo. Nós os operários da indústria do mobiliário, em defesa dos sagrados direitos do trabalho que representamos, desejamos mais ex.º sr.

Existem no país (continente e colónias) os meios de tornarmos independente a indústria da madeira em Portugal. Nomeadamente na metrópole encontra-se uma diversidade de madeiras, que rivalizam já com algumas madeiras estrangeiras e que, a serem convenientemente tratadas e apuradas, só por si constituiriam uma riqueza. Dentre outras destacamos algumas, das famílias das «cacias», do «eucalipto» e dos «freixos».

Apaz-nos registrar o pouco que nas matas de Coimbra se faz, no sentido acima indicado. Temos, ainda na metrópole o pinho de Leiria e o de Viana, muito bons para interiores do mobiliário. São porém as colónias o campo mais vasto para aquisição de madeiras finas e que, talvez devido a não servirem para satisfazer os interesses, dos especuladores da importação para ali estão abandonadas.

Ali, em florestas virgens, se encontram o pau-santo, o ebanho, o espinheiro e tantas outras madeiras muito belas, mas sem nomenclatura conhecida, as quais substituíam com vantagem as de importação. Estas madeiras que, como acima dizemos, garantiriam a independência da indústria nacional, seriam um grande incentivo ao desenvolvimento da mesma.

Senão vejamos: Sabe V. Ex. que presentemente, só os privilegiados da sorte conseguem guarnecer os seus lares, dada a carestia do mobiliário, fácil de justificar, pela multiplicação dos lucros dos revendedores e das matérias primas e em menor proporção da mão de obra. Amanhã, com as madeiras coloniais e uma melhor organização industrial, poderia-se tornar o mobiliário acessível a muita gente a quem hoje é impossível adquiri-lo; e assim, em vez de se continuar a ruína do país exportando as madeiras, poder-se-ia enriquecê-lo exportando a manufatura.

O meio de condução das madeiras coloniais afigura-se-nos de pontos em pontos, para o Estado, pois que, sendo o mais difícil transportá-la para o litoral, depois em jangadas iriam para bordo de vapores que como lastro as bordariam à metrópole. Neste transporte poderia o Estado não só utilizar os seus barcos, como impor aos das empresas particulares que de preferência conduzissem madeiras como lastro.

Há também nesta indústria uma especialidade — a dos fabricantes de ritos de verga — que é vítima de consecutivas crises, devidas à falta de matéria-prima (vinos). Abundando este material na ilha da Madeira, também devido à exportação é difícil conseguí-lo para a laboração da indústria nacional, e esse pouco é sempre por alto preço.

Non contemto pouco existe, e no entanto nada mais fácil e útil que a sua plantação. Afigura-se-nos que o Estado poderia promover a plantação do vim e das margens dos rios e indicar aos particulares, por via dos seus agentes, a conveniência em substituir alguns canaviais por essa plantação tão fácil, obtendo assim a um mal que se reflete em centenas de famílias que desta indústria vivem.

Um outro caso também muito grave apresentamos à consideração de V. Ex. Foi informada esta Federação de que a empresa dos hotéis do Estoril pretende, ou já conseguiu, concessão para importar mobiliário estrangeiro para os mesmos hotéis.

Já em 1915 a mesma empresa pretendia fazer passar essa concessão, a pretexto da falta de aptidões profissionais da indústria nacional; e, só depois duma defensiva estérne por nós expandida, a mesma se deu por convencida do seu erro e afirmou que o mobiliário se destinaria a fazer que a indústria nacional se afirmasse.

A que título agora essa segunda tentativa de extorsão? Hoje como ontem afirmamos junto de V. ex. que a indústria nacional não merece o menosprezo a que tentam voltar.

U. S. O. crise de trabalho O sindicato dos encadernadores e anexos vai ocupar-se da crise que afecta a respectiva indústria

Reunião do Conselho de Delegados. Reunião anteciente do Conselho de Delegados, com a representação de 15 sindicatos, iniciando-se os trabalhos às 22 horas.

O expediente constava de um ofício do S. U. Metalúrgico notificando ter sido a nota da C. G. T. aprovada na plenária ratificando a confiança nos seus delegados, dum ofício do sindicato dos chapelheiros nomeando delegados os camaradas Manuel Marques e João da Costa Pinto, que não se encontravam presentes; e dum cartão do sindicato dos empregados de escritório acreditando um representante da respectiva Direcção para assistir a esta reunião.

Ribeiro, dos metalúrgicos, diz que se considerou suspenso a quando da discussão da nota e na mesma situação se considera agora, visto não lhe agradar o ofício enviado pelo seu sindicato e o conselho não permitir que esse ofício seja discutido noutra sessão. Concluindo, lembra que o camarada Raúl Baptista poderá dar explicações sobre a sua atitude.

Raúl Baptista relata casos passados na sessão do conselho em que foi discutida a nota e diz que o camarada Ribeiro não ficou satisfeito por o orador contrariar fazendo parte da União.

Ribeiro declara não tomar assento no conselho enquanto o seu sindicato não enviar outro ofício mais explícito. Entra-se depois na ordem dos trabalhos, — a questão da falta de água — como noutra lugar vai relatado.

O terrível "complot"

O sr. governador civil pretende à força merecer honras dum "complot". Noticiamos há dias que um anónimo nos escrevera dizendo que o governador civil recebera uma carta avisando-o de que um terrível complot se tramava contra ele. O nosso ignorado informador dizia-nos até o nome dos indivíduos que faziam parte desse horrível complot.

Achámos graça ao caso, porquanto a ideia dum atentado se nos afigurava extremamente caricata, porque o sr. governador civil não é um grande ditador, nem um despota de tanto génio que a mereça. De resto, estamos convencidos de que os indivíduos pela tal carta apontados, pensam tanto no governador civil como nós, que só nos lembramos de que ele existe quando temos de redigir alguma notícia onde o seu nome figure.

Porém, vieram à nossa redacção alguns dos operários que a carta por nós recebida indicava como fazendo parte do tal complot... de operaria, dizer-nos que em suas casas foram procurados por um agente da policia.

Ante esta estúpida demarche policial não podemos conter a nossa revolta, porquanto não parece que o sr. Leão Portela pretenda à viva força passar por vítima, prendendo esses operários aos quais atribuiu depois as intenções que entender.

Não podemos acreditar que o sr. governador civil se julgue com cravada mental merecedora dum atentado. O sr. governador civil sabe muito bem que é uma insignificância no nosso meio. Um complot contra a sua pessoa valorizava-o. E como não há ninguém tão parvo que pense em formar esse complot ridículo, o sr. governador inventa-o, pretendendo atirar para a cabeça as vítimas do seu capricho.

Descarrilamento de um comboio

Três ferroviários e um trabalhador feridos. Ontem às 6 e 10 saiu do Entrocamento um comboio de serviço composto de um fogão e dezoito vagões e rebocado pela locomotiva n.º 129, o qual seguia para a estação de Pedra Furada entre Sabugo e Mira, onde carregou uma grande porção de pedra destinada a umas obras que se estão a fazer no Entrocamento.

Às 14.30 saiu o comboio da referida estação e seguia em direcção à Cruz da Pedra, quando a locomotiva, ao seguir, notou que em direcção ao Entrocamento, mas não chegando ao apeadeiro, descarrilou, indo a máquina de encontro ao muro da quinta do Milhões, o qual derrubou, provocando também com a sua entrada na referida propriedade, a derrocada de uma barranca que ali existia e que servia de refugio ao pessoal da quinta.

Nessa altura a máquina voltou-se resultando ficarem feridos os ferroviários Joaquim da Silva Alfaro, de 51 anos, casado, e Adolpho da Costa Pessoa, de 25 anos, casado, ambos naturais e residentes no Entrocamento, tendo também ficado ferido no rosto o condutor da locomotiva, o sr. José de Almeida, natural de Abrantes e também residente no Entrocamento, o qual estando na ocasião do descarrilamento no fogão fez o esforço de encostar a uma parede.

O crime de Vila Pouca A mãe da vítima faz à «Batalha» importantes declarações

Procurou-nos ontem Viçência dos Santos, mãe de Casimiro dos Santos Dias, que, conforme noticiámos, foi assassinado em Vila Pouca, para nos diligências afim de perseguir os assassinos, que na locanda onde o filho foi agredido se encontravam dois policiais a paizana que não intervieram no caso e que com conhecimento desses metemps, mais de duas horas, moribundo, na quinta onde foi encontrado, sem que lhe prestassem qualquer auxilio.

Disse-nos mais que seu filho era o soldado n.º 824 da Companhia de Pontoneiros, de Tancos e que lhe fora passada a licença para ser gosada na freguesia de Santa Isabel precisamente onde foi assassinado. Parece-lhe, portanto, que as autoridades militares devem intervir no caso. Pede ainda a queixosa para ser ouvida pelo juiz de investigação.

TEATROS E CINEMAS

Reclames. O célebre Pina prossegue hoje, no Ginásio, na sua gloriosíssima carreira conquistando entusiásticos aplausos, e atraindo o mais viva concorrência. É a peça da actualidade, sem rival, afrontada e vencendo todas as concorrências, com a sua aça estudiosa e comunicativa.

CARTAZ DO DIA. S. LUIS-A's 21.30 — De Capote e Lençóis, com o novo quadro «Colégio de Meninas».

S. LUIS-A's 21.30 — «Amor perfeito» GIMNASIO-A's 21.30 — «O célebre Pina». F.O.Z.-A's 8.30 e 10.30 — «O Sonho de Manacés».

Variedades e Animatografos. — Salões Olimpia, Central, Condes, Anjos, Promotor, Portugal, Cine-Pris, Ideal e Chancelier.

OS QUE MORREM

FUNERAIS. No cemitério de Benfica sepultaram-se Maria Luísa de Freitas e António Duarte Coimbra.

Dr. Afonso Manaças. Sifilis, Coração e Pulmões. Clínica geral e de Cirurgia. Todos os dias (18 horas). CLASSES PÓS-GRADUADAS. Rua do Amparo, 82, 1.º. Tel.: 601-2888.

Aos Ferroviários

da Companhia Portuguesa. Hipólito e Artur da Silva com alfaiataria na rua do Marechal Saldanha, 22 e 24, ao Calhariz, participam aos ex.ºs empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecemos.

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortido de cheviotes género inglês, estampanes, casimires e alpaca a preços sem comparação. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parashoraccas, um grande sortido de kakis.

AVIAMENTOS — PARA ALFAIATES. Rua dos Paqueiros, 255.

A CLASSE OPERÁRIA

Ninguém deve mandar concertar ou tingir chapéus sem primeiro verificar os preços verdadeiramente económicos que se fazem na oficina de chapéus.

A LISBOENSE. 21-Rua da Oliveira ao Carmo-23.

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON. Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques. PREÇO \$40

Sapataria Imperial

34, Rua do Rato, 36 LISBOA. CALÇADO BARATO. Para homem, senhora e criança de todas as qualidades e modelos.

CALÇADO DE HOMEM. Bota de calfe preto... 21400. Bota de calfe preto... 28000. CALÇADO DE SENHORA. Sapato preto de 1.ª e 2.ª... 11900. Sapato preto de 1.ª e 2.ª... 18900. Importante saldo Botas de vitela branca a 15000. Encarrega-se de concertos de toda a espécie.

GRANDES ARMAZENS DO Chiado

CONTINUAÇÃO DA IMPORTANTE VENDA DE SALDOS NA GRANDE GALERIA DE Utilidades Domésticas os quais continuamos vendendo com NOVAS BAIXAS DE PREÇOS EN TODAS AS VASTAS SECÇÕES! LOUÇAS CHAVENAS para café, a . . . 480 CHAVENAS para chá, a . . . 560 CHAVENAS para almoço, a . . . 700 MANTEIGUEIRAS, a . . . 600 SERVIÇOS para almoço, 6 pessoas, a . . . 14.000 SERVIÇOS para jantar, 6 pessoas, a . . . 46.000 VIDROS COPOS para vinho, a . . . 300 PRATOS para frutas, a . . . 500 SOLITARIOS com lindas pinturas, a . . . 500 COMPOTIERS, grande variedade, a . . . 1.800 JARROS para água, a . . . 2.100 MANTEIGUEIRAS, a . . . 900 FERRAGENS COLHERES de alumínio para chá, a . . . 250 FACAS de cozinha, a . . . 700 FERRAS de frisar, a . . . 700 PASSADORES de alumínio para leite, a . . . 550 PRATOS de ferro esmaltado a . . . 1.100 TALHERES de mesa, com 36 peças, a . . . 14.900 Artigos de Ménage PASSADORES para chá, a . . . 250 MARTELOS para bifes, a . . . 550 LAMPADAS para álcool, a . . . 650 BATE-OVOS, a . . . 650 CAIXAS para lanche, a . . . 650 UM TEM DE COZINHA em folha dobrada, para 6 pessoas, por . . . 30.900 BAZAR CORNETAS de fantasia, a . . . 450 BOLSAS de borracha, a . . . 420 BARRAS com movimento, a . . . 700 PINHAS, grande novidade, a . . . 750 AUTOMOVIS com corda, a . . . 1.750 BONECAS articuladas, com vestido, a . . . 3.500 JOGOS de ferramentas agrícolas, a . . . 3.600 CAVALOS para crianças montar, a . . . 5.800 LANTERNAS MÁGICAS, com 6 fitas, a . . . 7.250 COMBOIOS com corda e caixas, a . . . 8.950 ESPINGARDAS de pressão de ar, a . . . 18.500 OUTROS SALDOS GRAMOFONES com lindas campânulas, a . . . 61.900 DISCOS com lindos assuntos de música e canto, a . . . 3.500 CAIXAS de papel para cartas a . . . 2.100 ROLOS de papel higiênico plissado, com o pêsco de 220 gm a . . . 680 SABONETES de toilette, glaciados, a . . . 340 PO-DE TALCO muito fino, a . . . 2.950 SUBSISTÊNCIAS BACALHAU suco, a . . . 1.800 GRÃO magnifico, litro . . . 600 FEIJO mistura, litro . . . 480 MANTEIGA de Sintra, uma especialidade, quilo . . . 6.800 ARENQUES, peixe seco, magnifica qualidade, quilo . . . 3.750 TOUQUINHO do melhor, quilo 4.200 CAFÉ CHIADO, lote especial, quilo . . . 1.600 SABAÔ azul ou rosa, quilo 1.000

Atenção

Leiam todos o nosso anúncio de Amanhã, sexta feira Grande liquidação DE RETALHOS

NOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO